

LEITE NO BRASIL

Fatores de produção e de competitividade

O posicionamento competitivo do Brasil frente aos maiores produtores de leite em diferentes aspectos, segundo análise feita pelo pesquisador Glauco R. Carvalho, da Embrapa Gado de Leite

"A demanda por alimentos tende a crescer na esteira do crescimento populacional, das melhorias de renda e da urbanização". A afirmação é do pesquisador da Embrapa Gado de Leite, Glauco R. Carvalho, cujos estudos têm reservado bom espaço para analisar o cenário do agronegócio no Brasil e no mundo, com especial ênfase nas tendências do setor leiteiro em tal contexto, que apresenta alguns países perdendo espaço no mercado, ao mesmo tempo em que outros elevam sua oferta, principalmente, devido à capacidade de aumentar a produção e reduzir os custos.

No primeiro grupo, cita a Rússia, Ucrânia e membros da União Européia; no segundo, com produção crescente, estão a China, Índia, Nova Zelândia e o Brasil. Em 2006, a produção mundial de leite de vaca atingiu 549,7 milhões de t, na qual o Brasil ocupa o sexto lugar, com um volume de 25,3 milhões de t (Tabela 1). "O aumento de produção por aqui vem ocorrendo devido à elevação da produtividade média. Ainda assim, o País ocupa uma posição ruim no âmbito mundial, com produtividade quase três vezes inferior à da Nova Zelândia e sete vezes menor que a dos EUA", diz Carvalho.

Entre os maiores produtores mundi-



O aumento da produção leiteira no Brasil vem ocorrendo devido à elevação da produtividade média

Fotos: Arquivo BB

TABELA 1
PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DOS PRINCIPAIS PAÍSES
PRODUTORES DE LEITE DO MUNDO (2006)

País	Produção (milhões de t)	Produtividade (t/vaca)
Estados Unidos	82,5	9,1
Índia	39,8	1,1
China	32,2	3,0
Rússia	31,1	3,2
Alemanha	28,5	6,6
Brasil	25,3	1,2
França	24,2	6,1
Reino Unido	14,6	6,8
Nova Zelândia	14,5	3,5
Ucrânia	13,0	3,3
Polônia	12,0	4,4
Itália	11,0	6,0
Holanda	10,5	7,0
Austrália	10,3	4,9

Fonte: autores, com base em FAO (2007)

ais, o Brasil está à frente somente da Índia, em produtividade por vaca. Tal situação ilustra o potencial de expansão da produtividade no País, caso ocorra a implantação em massa de programas de melhoramento genético do rebanho, maior profissionalização na gestão das fazendas, melhorias no manejo e na nutrição do rebanho. Isso tudo, sem contar que o Brasil dispõe de cerca de 46% do território arável. Em termos absolutos, o País é o detentor da maior área de terras potenciais aráveis, quase 400 milhões de ha (Figura 1).

Para entender a dimensão desses números, convém lembrar que a Terra tem uma superfície de 13.041 milhões de ha, dos quais, 4.155 milhões não são cultiváveis; 3.869 milhões de ha são de bosques e 5.017 milhões são áreas agrícolas. A superfície agrícola tem 69,5% de pastagens e 30,5% em agricultura. Os 14 países analisados detêm cerca de 5.900 milhões de ha em área total de terras, sendo 1,420 milhão de ha considerados áreas potenciais aráveis, o equivalente a 24% do território. Todavia, alguns países com grandes extensões de terras, como, Austrália e Rússia, enfrentam sérios problemas de degradação e contaminação do solo.

No que tange à área utilizada com agricultura, os Estados Unidos lideram, seguidos pela Índia, China e Rússia. O Brasil aparece na quinta posição com 59 milhões de ha. Já nas terras com pastagens e áreas não utilizadas, o País se destaca com cerca de 330 milhões de ha, ou seja, essas áreas são mais de três vezes superiores à existente nos Estados Unidos e na Rússia; nove vezes superiores à da Austrália, e muito superiores à dos demais países. "Portanto, o Brasil tem boas vantagens comparativas para a expansão da agricultura e

da pecuária de leite, sem provocar grandes pressões em preços de terras e de alimentos/ração", avalia.

Além disso, alguns dos países produtores de leite enfrentam dificuldades quanto à incorporação de tecnologias, ao clima e ao aumento progressivo da população. "Os Estados Unidos encontram dificuldades em ampliar sua produção por meio da produtividade, pois a tecnologia existente já foi incorporada. A Índia e a Rússia, com grandes extensões, enfrentam limitações climáticas e geográficas. A China precisa alimentar uma grande população, além da necessidade de investimentos em preparação de solos. Isso sem falar nas limitações quanto ao uso sustentável de água", relata Carvalho.

No BRASIL, UM DOS MENORES CUSTOS DO MUNDO

- Um dos fatores mais importantes e que influencia na capacidade de produção de alimentos de um país é o potencial de terra arável. Nesse sentido, o pesquisador destaca a conjugação clássica para explicar o êxito dos países que conquistam vantagens comparativas com base nos chamados fatores de produção - trabalho, terras, recursos naturais e capital. "No entanto, pela lei de oferta e demanda, à medida que um fator de produção fica mais escasso, seu preço tende a subir. A competição pelo uso da terra por diferentes atividades, considerando suas restrições, tende a incrementar seu valor afetando os custos de produção de leite", ilustra.

Conta que isso, por sua vez, leva a um processo de intensificação da atividade, geralmente, abordado em produção de leite por área ou produção por mão-de-obra. A intensificação do uso de insumos, resultante da adubação das pastagens, suplementação alimentar em

pasto ou em regime de confinamento, aumenta a complexidade do sistema de produção, alterando a estrutura de custos. Países com menor custo de produção total ou custo de suplementação alimentar tendem a ser mais competitivos.

O Brasil se destaca no segundo grupo de países com menor custo de produção de leite no mundo, ao lado da Índia e China (Tabela 2). Entre os países analisados, a Ucrânia tem o menor custo. No terceiro grupo estão os Estados Unidos, a Austrália, Polônia e Nova Zelândia. Entre os de custos de produção mais elevados, aparecem alguns países da Europa. Outro fator competitivo para o País está relacionado ao baixo custo da suplementação alimentar do rebanho, quando comparado aos padrões internacionais. Isso ocorre, entre outros motivos, porque o país pratica um sistema de exploração à base de pastagens.

"Assim, é possível inferir que o custo marginal de expansão da produção brasileira de leite é relativamente menor que o de outros produtores mundiais, como Austrália, Nova Zelândia e França, que têm sistemas de produção otimizados e ração mais cara", cita. Portanto, se verifica que o País apresenta vantagens competitivas na disponibilidade de terras para expansão da agricultura e pastagens, baixo custo de suplementação do rebanho e possibilidade de incorporação de tecnologias para o aumento da produtividade.

Convém destacar que a Rússia e os Estados Unidos também têm o potencial de incrementar a oferta de leite no âmbito da disponibilidade de terras e do custo de suplementação. Os demais países, por outro lado, já estão quase no limite do uso de terras e o aumento da oferta poderá vir da maior intensificação dos sistemas e da incorporação de tecnologias, quando for possível. O monitoramento do custo marginal de expansão da oferta de leite será o fator determinante.

O pesquisador da Embrapa cita que

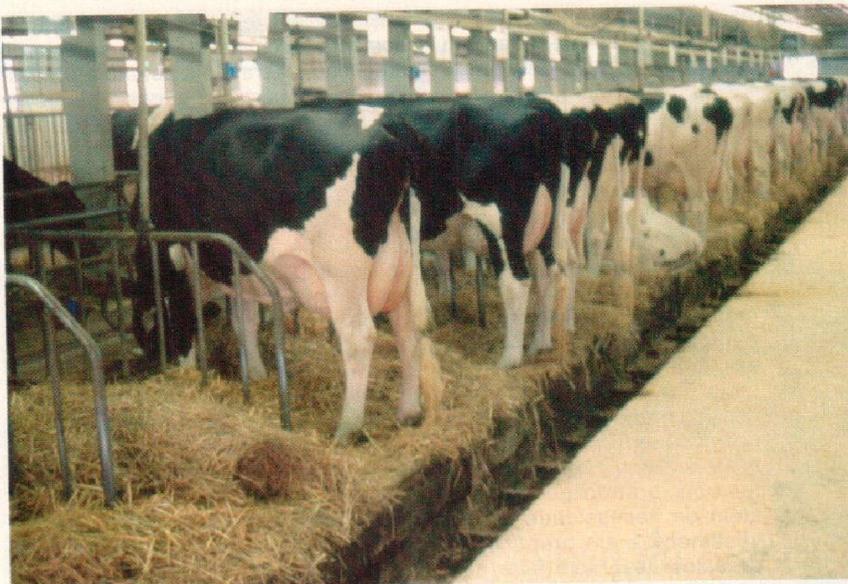


Carvalho: custos competitivos

TABELA 2
PECUÁRIA DE LEITE: PRODUÇÃO, PRODUTIVIDADE E CUSTOS, EM PAÍSES SELECIONADOS

País/Indicador	Produção de leite (milhões de t)	Produtividade (t/vaca)	Custos de produção (US\$/kg)
Estados Unidos	82,5	9,1	0,23 a 0,30
Austrália	10,3	4,9	0,18 a 0,23
Nova Zelândia	14,5	3,5	0,18 a 0,23
Brasil	25,3	1,2	0,18 a 0,23
Argentina	8,1	4,1	< 0,18

Fonte: autores, com base em FAO (2007) e Hemme et al. (2006)



Os Estados Unidos têm potencial para incrementar a oferta de leite. Existem terras disponíveis para isso

o Brasil é o país com maior disponibilidade de pastagens e áreas não utilizadas, seguido pela Rússia e Estados Unidos. "Esses três países, ao lado da Ucrânia, apresentam baixo custo de suplementação alimentar. Já França, Nova Zelândia e China apresentam alto custo de suplementação e pouca disponibilidade de terras, o que dificulta a expansão da oferta de leite", diz. Em termos de produtividade, se destacam Estados Unidos, Holanda e outros membros da União Européia, que já passaram por um processo de incorporação de tecnologia. O Brasil e a Índia são os países com menor produtividade, indicando grande potencial de melhoria.

E como suportar a expansão da produção? Para os próximos anos, se espera que o crescimento na demanda por alimentos seja acompanhada pelo crescimento populacional. Projeções apontam que, em 2006, havia no mundo cerca de 6,53 bilhões de habitantes, sendo esperados 7,27 bilhões de habitantes em 2016. Quanto à renda, o crescimento anual médio projetado entre 2007 e 2016 será de 3,05%, o que supera o crescimento verificado entre 1997 e 2006, de 2,86% ao ano. As maiores taxas de crescimento de renda deverão ocorrer

nas regiões mais populosas, como África, Ásia, América Latina e Caribe.

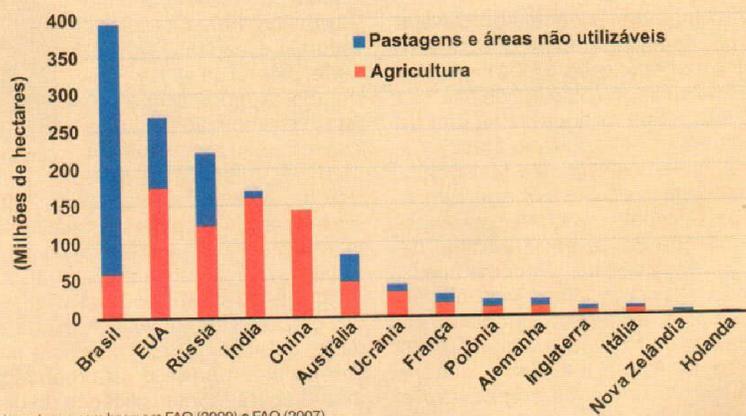
Sabe-se também que se a pecuária de leite tem passado por transformações importantes em todo o mundo. No País, a produção vem, continuamente, aumentando e o processo de substitui-

ção de importações se consolidou. Para os próximos anos, o desafio maior será a exportação de leite. "Todavia, a competitividade tem elementos externos à cadeia produtiva propriamente dita, mas que afetam seu desempenho, já que a competitividade de um país depende da capacidade de sua indústria de inovar e melhorar. Além disso, as estruturas econômicas, as instituições e a história são fatores que contribuem para tal êxito", lembra Carvalho.

COMPETITIVIDADE: OS FATORES SE CONTRAPÕEM

- No relatório 2007-2008, apresentando informações sobre pilares de competitividade de 131 países que compõem o Fórum Econômico Mundial, o Brasil ocupa a 72ª posição e uma pontuação de 3,99 em um total de 7,0. Os Estados Unidos ocupam a primeira posição, com uma pontuação de 5,67. A Austrália está na 19ª posição, enquanto Nova Zelândia e Argentina ficaram na 24ª e 85ª posições, respectivamente. Portanto, na avaliação, o Brasil ficou na frente apenas da Argentina, que obteve baixas notas em Instituições e Inovação. Uma avaliação mais detalhada de cada pilar pode ser verificada na Tabela 2, com a posição no ranking global e a pontuação recebida.

FIGURA 1
ÁREA AGRÍCOLA, PASTAGENS E ÁREAS NÃO UTILIZADAS EM PAÍSES SELECIONADOS



Fonte: autores, com base em FAO (2000) e FAO (2007).

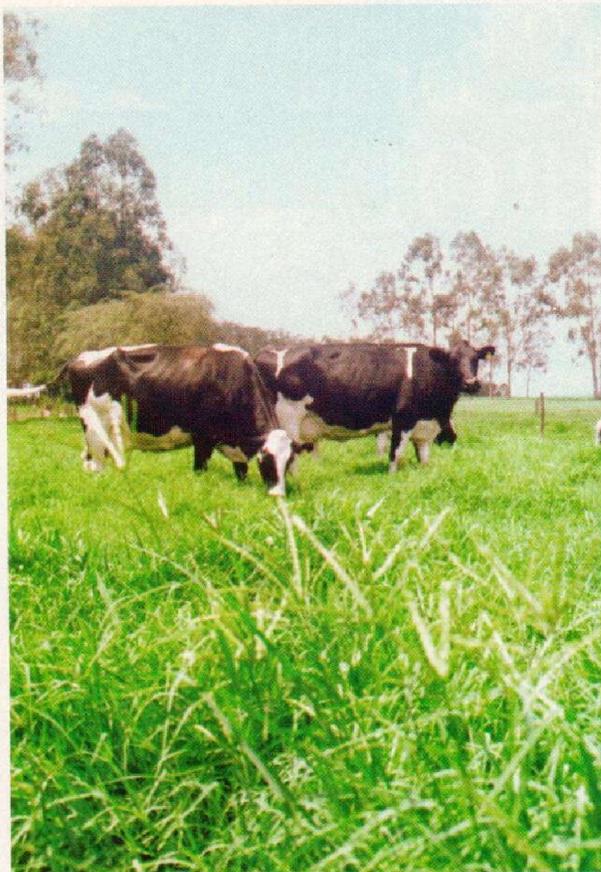
TABELA 3
PILARES DE COMPETITIVIDADE EM PAÍSES SELECIONADOS: POSIÇÃO NO RANKING DE 131 PAÍSES E NOTA DE ATÉ NO MÁXIMO 7

País/Indicador	Global		Estab. Macroecon.		Instituições		Infra-estrutura		Inovação		Tam. Mercado	
	Posição	Nota	Posição	Nota	Posição	Nota	Posição	Nota	Posição	Nota	Posição	Nota
Estados Unidos	1	5,7	75	4,8	33	4,8	6	6,1	1	5,8	1	6,8
Austrália	19	5,2	34	5,4	13	5,7	18	5,5	22	4,4	20	4,9
Nova Zelândia	24	5,0	36	5,4	9	5,8	33	4,5	25	4,1	59	3,7
Brasil	72	4,0	126	3,7	104	3,3	78	3,1	44	3,5	10	5,4
Argentina	85	3,9	64	4,9	123	3,0	81	3,0	91	2,9	23	4,8

Fonte: autores com base em WEF (2007)

Quanto à Estabilidade Macroeconômica, o primeiro lugar foi ocupado pela Austrália, que ficou na 34ª posição no *ranking* geral. Em seguida, estão Nova Zelândia, Argentina e Estados Unidos. O Brasil ficou em último lugar entre os países analisados, e um dos últimos, no âmbito mundial, já que continua com problemas que prejudicam a competitividade: alto *spread* bancário; gastos públicos elevados e grande carga tributária; setor público ineficiente e incapaz de prover serviços públicos e infra-estrutura de qualidade; um sistema jurídico complexo, burocratizado e lento.

Na avaliação de Instituições, a Nova Zelândia é o país com melhor desempenho, ocupando a 9ª colocação no *ranking* global. A Austrália, os Estados Unidos, o Brasil e a Argentina, nessa ordem, vieram na seqüência. No País, a recente crise aérea, os escândalos de corrupção e os problemas com a fraude no leite são sinais de fragilidade institucional. No quesito Infra-estrutura, a avaliação ruim dada ao País (78ª posição) reflete os diversos problemas relacionados à qualidade da infra-estrutura de transportes, comunicação e fornecimento de energia, como resultado dos baixos investimen-



As áreas de pastagens no Brasil somam 330 milhões de ha

tos públicos e da falta de um ambiente regulatório transparente.

No pilar Inovação, o Brasil ocupa a 44ª posição, mostrando que aqui ocorrem algumas distorções de prioridades, já que o País está relativamente melhor classificado em indicadores mais sofisticados, como o de Inovação, mas se encontra em posições ruins, com relação a

pilares dos fatores básicos como Instituições, Infra-estrutura, Macroeconomia. Já no pilar Tamanho do Mercado, o Brasil apresentou o melhor desempenho (10ª posição), com uma nota de 5,44. Os mercados maiores permitem que as empresas explorem economias de escala, ganhando competitividade.

Como conclusão, Carvalho considera que a competitividade de um setor depende de vários fatores que fogem do controle das companhias, mas que afetam diretamente o seu desempenho. "No mercado de leite, se verifica que o País tem competitividade em custos de produção e uma oferta em expansão, mas tem um nível de produtividade muito aquém do padrão internacional", cita. No que tange a aspectos mais genéricos, considera que o País ocupa uma posição ainda frágil em relação a outras economias mais desenvolvidas.

"O Brasil é o pior colocado na Estabilidade Macroeconômica, entre os cinco países analisados. O melhor desempenho ocorre no Tamanho de Mercado, fornecendo boa contribuição para o setor lácteo. Isso porque populações maiores significam mais consumidores de leite. Resta, no entanto, avançar nos demais indicadores para que o País cresça em ritmo mais elevado, com melhorias de renda e sua distribuição. Por fim, melhorias nas demais áreas serão importantes para o posicionamento mais competitivo da indústria de laticínios no cenário global", finaliza. ■

Nas análises citadas nesta reportagem, Glauco R. Carvalho, pesquisador da Embrapa Gado de Leite, contou com a colaboração de S. B. K. Vieira, estagiária de Economia; C. de Oliveira, administradora; A. V. Carneiro, pesquisador; todos eles, da mesma instituição.

FARELO CARGILL 46% Excelência em Nutrição Animal.

Com mais de 100 anos de experiência atuando no segmento de nutrição animal, a Cargill preza a qualidade da alimentação de seus animais sempre buscando o que há de melhor no mercado. O Farelo de Soja 46% CARGILL é obtido pelo esmagamento do grão, que recebe um tratamento térmico de rígido controle. Esse processo garante os níveis de qualidade do produto e o torna pronto para ser fornecido como rica fonte de proteína (46%). Com alto índice de lisina, bom perfil de aminoácidos e alto teor de energia, o Farelo Cargill 46% é ideal para a inclusão em dietas de sistemas intensivos de produção.

Adquira o Farelo de Soja Cargill a granel ou em embalagens de 50 Kg.

Entre em contato:

Três Lagoas - MS: 67- 3509-2514

Rio Verde - GO: 64- 3611-4951

Uberlândia - MG: 34- 3218-5118

www.cargill.com.br

Cargill[®]



BALDE BRANCO

ENTREVISTA
DOUGLAS REINEMANN,
professor da Universidade de Wisconsin-EUA

**Estação de
monta: como
funciona em
fazenda de
Minas**

**Opções para
driblar a alta
dos custos com
alimentação**

**Tifton 85:
por que tem a
preferência dos
produtores?**

**Fatores de
produção e de
competitividade
do leite brasileiro**



ÁGUA

Como utilizar o mais importante componente da atividade leiteira, quer seja na nutrição do rebanho ou na limpeza e higiene de utensílios e instalações